

Aulas de resistência e de reflexão

Eliany Machado Salvatierra

Em 2004 foi o 40º aniversário do golpe militar de 1964. Aniversários geralmente são datas comemorativas, mas teríamos algo a comemorar ao lembrar do golpe? Para Arlindo Machado, autor de *Os anos de chumbo: mídia, poética e ideologia no período de resistência ao autoritarismo militar (1968-1984)*, foram vinte anos de atraso científico e cultural, de obscurantismo moral associado à mais sórdida repressão policial e à disseminação generalizada das táticas de intimidação e emudecimento. Não haveria, pois, comemorações, mas a obrigação de lembrar o significado histórico desse acontecimento e de entender para que lutamos.

Machado, que é professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da USP e no programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, tece críticas contundentes ao período do golpe militar. No entanto, o relato não se constrói na base do ressentimento nem do acerto de contas. Segundo o próprio autor, o livro é “otimista” e demonstra que, “apesar de todas as dificuldades, na época, alguns intelectuais não adotaram o silêncio como forma de autodefesa”. A obra reúne textos publicados no período de 1968 a 1985 e apresenta a inquietação do autor, suas críticas, um certo enfrentamento direto com o grupo hegemônico na política e nos meios de comunicação social, a militância.

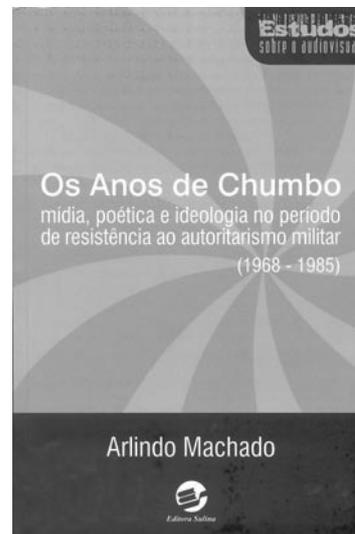
Machado não só escreveu sobre o período, mas fez parte dele como um ator social. Suas críticas recaem em programas jornalísticos de cinema e televisão do cenário nacional da época, como o *Cinejornal* e o *Jornal Nacional*. O autor denuncia, por exemplo, como o *Cinejornal*, durante toda a sua história, quis vender a idéia de que o povo era inapto, sem condições de escolher os próprios governantes.

As análises não param por aí. O autor também questiona a ideologia do cinema que se dizia militante e que tinha como pressuposto a denúncia, mas que acabava por reproduzir

Os anos de chumbo: mídia, poética e ideologia no período de resistência ao autoritarismo militar (1968-1985)

Arlindo Machado

Porto Alegre: Sulina,
2006, 312 p.



o padrão estético do grupo hegemônico da produção televisiva:

Como o grosso da produção militante caminha na rabeira da mais bem comportada reportagem de televisão (*Trabalhadora, Metalúrgicas, Acidentes de Trabalho, Nada Será como Antes*, o cinema-de-rua de João Batista de Andrade etc.), não é raro vê-lo reproduzindo a mesma construção “objetiva” do padrão Globo de televisão (p. 35).

Questões levantadas pelo autor no período em que os textos foram escritos estão de volta nas discussões atuais sobre a TV digital e a democratização dos meios de comunicação. Na época, o tema TV digital não existia, mas a luta pela democratização já estava em pé.

Ora, a questão principal quanto à democratização dos meios está em descobrir alternativas que promovam o acesso às ondas daqueles que estão delas totalmente marginalizados e que não são nem governo, nem empresas do ramo, nem empregados nessas empresas (p. 61).

Temas conceituais específicos da área da linguagem e da comunicação, como o con-

ceito de dialogismo em Bakhtin, também são abordados, deixando claro, neste caso específico, de que não se trata de um conceito superado e que, ao contrário, há muito a ser feito entre a teoria e a prática.

Machado revela uma grande capacidade de olhar para a produção audiovisual da época e analisá-la, não somente sob o ponto de vista do conteúdo. Ele tece críticas e reflete a partir do movimento da câmera, do som, do uso do recurso da voz em *off* e do enquadramento. Com isso, revela que forma e conteúdo estão intimamente imbricados, ainda que, em alguns parágrafos, pese um olhar quase que maniqueísta sobre a produção, talvez fruto das circunstâncias política da época, ou mesmo da influência crítica da teoria literária. Contudo, os textos não são ortodoxos ou sectários.

Em “Eisenstein e o oriente”, Machado diz a que veio. O texto é rebuscado, mas não hermético, deixando clara a fluência do autor na escrita e na exposição de suas idéias. Na segunda parte do livro, os textos mostram o estreito contato entre o autor e as obras do intelectual e cineasta russo-letão Serguei Eisenstein, lembrando uma época em que a formação de intelectuais era mais humanista, ampla e complexa. O autor revela erudição – algo raro nos dias de hoje, já que escrever livros está se tornando quase que banal. Na área do cinema, Machado escreve:

A ausência de uma perspectiva científica tem determinado até aqui a frustração fatal de todo projeto cinematográfico “progressista”, dado que ao invés de contribuir para a formação de uma sólida consciência de classe, transforma a própria consciência numa panacéia, onde se confunde a razão com a ética e os interesses de classe com um protestarismo inconsciente (p. 96)

Pode-se até não concordar com muitas das críticas e análises do autor. Porém, é inegável que Machado nos faz pensar, assim como é inegável o conhecimento que tem sobre a nova área que se delineia, do audiovisual. Entre as muitas provocações

reflexivas, uma delas chama a atenção: será que o audiovisual pode ser separado entre comunicação e arte? Ou será que é uma área específica, com autores e repertório que o campo da comunicação, com o repertório hegemônico da sociologia crítica, acabou excluindo por não conhecer a produção do outro lado existente?

A leitura do livro evidencia a necessidade de conhecimentos de Lingüística, Semiótica e Teoria Literária, além da Sociologia Crítica, para um olhar mais apurado sobre o complexo objeto chamado audiovisual, que reúne, em um só termo, videoclipe, TV, cinema e produções sonoras. Os textos abrangem um leque amplo de temas, e as seções estão divididas em *Mídia, ideologia e posicionamento; Eisenstein e o cinema conceitual; Metalinguagens; Novas Tecnologias e Leituras de Filmes*.

Recomendamos o livro não por questão de saudosismo militante. Não há saudades, não há comemorações de um período em que tantos foram torturados por pensar, por criticar, por sonhar e desejar uma sociedade menos injusta. Quem sabe até seja por isso que andamos com dificuldades de posicionamento mais crítico e contundente contra um neoliberalismo humanamente destruidor, que vem sendo propagado no mundo globalizado?

Recomendamos o livro porque Machado nos faz pensar, refletir e, principalmente, perceber que o papel do pesquisador, do intelectual, não é referendar os meios oficiais e nem apaziguar as desigualdades sociais, por pertencer à elite intelectual. Para o autor, o papel do intelectual está muitas vezes próximo do que é considerado “arte” no mundo contemporâneo: o de revelar o que muitas vezes é óbvio, mas que a nossa sensibilidade enrijecida não nos deixa perceber – afirmar que outras realidades são possíveis.

Eliany Machado Salvatierra é mestra em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/ECA-USP) e professora da Faculdade Cásper Líbero.